



## **Programa Esquenta; a periferia se vê por aqui?<sup>1</sup>**

Cybele SOARES<sup>2</sup>

Sandrine BRAZ<sup>3</sup>

Norma MEIRELES<sup>4</sup>

Universidade Federal da Paraíba, PB

**RESUMO:** Através da análise do Programa Esquenta, produzido pela Rede Globo, o presente artigo pretende salientar sob quais perspectivas a televisão, como um todo, retrata a periferia. Apoiado nos conceitos de comunicação popular o trabalho discute sobre as representações televisivas e as identidades construídas a partir do programa analisado e como estas influenciam na produção de conteúdos e na difusão de valores pelas comunidades brasileiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação popular; identidade; periferia; televisão

### **1. A Televisão**

Na sociedade da informação o surgimento de novos dispositivos midiáticos facilita o acesso às informações nos mais variados formatos e suportes. Contudo, as mídias massivas, como a televisão, mantêm-se sólidas e imponentes frente ao surgimento das novas tecnologias da informação e da comunicação.

A chegada desses novos dispositivos tecnológicos não impediu o crescimento e a expansão da televisão no Brasil, pelo contrário. Desde suas primeiras experiências ainda na década de 1950, o consumo da mídia televisiva vem crescendo gradativamente. Segundo o catálogo Mídia Dados 2007 (apud Ramos, 2010) no Brasil existem mais de 49 milhões de aparelhos receptores televisivos para uma população de aproximadamente de 189 milhões de habitantes. Isto implica em dizer que mais de 91% da população brasileira possui televisão, com uma recepção que chega a atingir o índice de 97% dos brasileiros.

Pesquisas em todo o mundo indicam que as pessoas ficam expostas em média de três a quatro horas diárias à televisão. Outras revelam que a exposição aos meios, incluindo a mídia impressa, cobre a terceira parte do tempo dos seres humanos nas sociedades

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT II 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Estudante do 7º período do curso de Comunicação Social, com habilitação em Radialismo pela UFPB. E-mail: cybelesoares@gmail.com

<sup>3</sup> Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Radialismo pela UFPB, em 2010. E-mail: sandrine\_braz@hotmail.com

<sup>4</sup> Mestre em educação e professora do Departamento de Comunicação Social da UFPB. E-mail: norma.meireles@gmail.com



industrializadas, perdendo apenas para “dormir” e “trabalhar” (BACEGGA, 2000, p. 100).

Diante dessas questões fica nítido o quanto esse meio de comunicação se faz presente nos lares brasileiros e a sua importância perante a sociedade como fonte informativa. Camargo e Cervi (2010, p.7) confirmam essa assertiva ao dizer que “a televisão continua sendo o veículo que abrange a maioria da população e ao mesmo tempo o meio de maior acesso à informação, isto é, as pessoas, mesmo com a facilidade promovida pela internet, ainda tendem a assistir os noticiários televisivos para se informar”.

Mas nem sempre a televisão manteve-se imponente como uma mídia massiva e com grande expressividade dentro da sociedade brasileira. Durante muitos anos, a televisão foi um artigo de luxo para poucos. Os aparelhos televisores eram fabricados no exterior e por isso possuíam um alto custo. Só quando os televisores passaram a ser feitos no Brasil os preços baixaram e um número maior de consumidores puderam adquirí-lo (ARAÚJO; AZÊDO; SILVA, 2010).

A popularização dos aparelhos televisores entre as camadas mais populares fez com que surgisse um público diferenciado, o que provocou mudanças nas produções que antes eram mais seletivas e ‘elitizadas’, já que relatava vida da população de classe alta. Dessa maneira, a televisão tinha como nova missão mostrar as questões sociais de um grupo menos favorecido economicamente.

De acordo com Santos, Teixeira e Oliveira Filha (2010) o mundo social está sendo cada vez mais descrito e prescrito pela televisão, se tornando também um instrumento de criação e reprodução da realidade em suas várias produções. Assim podemos inferir que a televisão que outrora tinha uma programação elitizada volta seus olhares para as questões sociais não apenas das classes mais favorecidas como também das periferias. Para Oliveira e Wizniewsy (2010, p.2) “as imagens midiáticas atuam nos imaginários de modo a re-formular idéias e valores, comportamentos e atitudes, opiniões e percepções; oferecem visibilidade aos indivíduos e/ou grupos”.

## **2. A Periferia em Cena: (Re)Produções Midiáticas na ‘Telinha’**

Conforme Pallone (2005) há uma grande confusão conceitual para se designar os espaços urbanos que distanciam o centro (lugar onde se concentra o poder econômico de uma cidade), principalmente nas grandes metrópoles, onde as designações de subúrbio e periferia são comumente ditas como sinônimos.



De acordo com Pallone (2005) subúrbio é o espaço que cerca uma cidade. Para a autora, o subúrbio é uma região que se encontra entre a cidade e o campo, e não possui qualquer relação com a situação sócio-econômica da região. Fernandes (s/d apud Pallone, 2005) afirma ainda que outra característica dos subúrbios é o baixo índice de densidade ocupacional desses espaços geográficos. Nessas localidades pode-se também tanto abrigar propriedades agrícolas quanto estádios, parques e até empreendimentos e condomínios luxuosos que necessitem de maiores delimitações espaciais. O autor ressalta que com a rápida expansão da industrialização formaram-se subúrbios operários e industriais.

De acordo com Torres et al (2003, s/p) as periferias

são espaços socialmente homogêneos, esquecidos pelas políticas estatais, e localizados tipicamente nas extremidades da área metropolitana. Tais espaços são constituídos predominantemente em um loteamento irregular ou ilegal de grandes propriedades, sem o cumprimento das exigências para a aprovação do assentamento no município. A maioria das casas desses locais é "autoconstruída".

O termo periferia foi reforçado após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e popularizado durante a Guerra Fria para designar os países com baixo poderio militar, econômico e com graves problemas de infra-estrutura. Em contrapartida, o status de centro servia para nomear os Estados com uma economia mais estabilizada e com expressivo potencial armamentista, conforme Silva (s/d apud Pallone, 2005). Vale ressaltar que foram esses motivos que levaram o termo periferia a ter uma conotação mais social, político e econômica, que nitidamente a diferencia de subúrbio.

Em todas as esferas da sociedade é perceptível a presença da periferia e na televisão não é diferente. Segundo Sá Barreto (2006), a inserção da periferia na televisão brasileira se deve ao fato da necessidade de se construir comunidades periféricas (ou simbólicas) que se assemelhem a essas comunidades na vida real. Não se trata apenas de atender às demandas de uma camada da população que se encontra à margem da sociedade, mas, sobretudo, de fazer com que haja a identificação de um público específico, que se sentisse representado nas produções televisivas e que pudesse gerar mais pontos no Ibope.

A televisão brasileira possui uma grade de programação bem variada e isso é uma grande vantagem da nossa TV, pois assim há uma maior facilidade de poder (re)produzir os vários aspectos da sociedade, inclusive a abordagem das comunidades periféricas. Mas de acordo com Bentes (2007), há uma abordagem de um discurso



antagônico da periferia na mídia. De acordo com a autora, a imagem de uma “periferia legal” é comumente vista e retratada nas telenovelas, já nos telejornais, a predominância discursiva da periferia gira em torno da criminalidade e marginalização.

Os telejornais e as telenovelas são os pontos fortes da televisão, por isso, explica-se a grande quantidade de noticiários e novelas presentes na TV brasileira que mostram a periferia. Mas outros produtos midiáticos também já passaram a abordar as comunidades periféricas, como séries, minisséries, cinema, programas de entretenimento, entre outros.

Na televisão, três grandes produções merecem destaque, não só pela audiência, mas também pela sua repercussão perante a sociedade, mostrando a periferia: *Central da Periferia* (GLOBO, 2006), *Antônia* (GLOBO, 2006), *Cidade dos Homens* (GLOBO, 2002).

A série *Cidade dos Homens* exibida pela Rede Globo entre os anos de 2002 e 2005 tinha como foco principal as aventuras de dois jovens negros chamados “Laranjinha” (Darlan Cunha) e “Acerola” (Douglas Silva) que viviam em uma periferia na cidade do Rio de Janeiro. As principais temáticas rodavam as questões da adolescência e das dificuldades de uma comunidade carente, como o tráfico de drogas e a violência urbana. De acordo com Hamburger (2007) representações como as dessa série contribuem para a estigmatização do cidadão periférico como favelado e marginal.

De acordo com o site Wikipedia, a enciclopédia livre (2011), no ano de 2002 a série recebeu o grande prêmio de crítica da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte). Dois anos depois, em 2004, a série global ganhou mais um prêmio de ouro do Festival Internacional de Programas Audiovisuais da cidade de Biarritz, na França. Em 2005, o ator Douglas Silva foi um dos finalistas do International Emmy Awards pelo seu trabalho no seriado. Esse prêmio é considerado um dos mais importantes da TV mundial. Além disso, *Cidade dos Homens* foi vendido para mais de 25 países e vale ressaltar que a atriz e a apresentadora Regina Casé co-dirigiu essa produção.

A série *Antônia* também foi exibida pela TV Globo e sua narrativa girava em torno das mulheres negras da periferia paulista. *Antônia* teve como uma das temáticas, a abordagem da carreira musical de quatro mulheres negras que estão longe do “centro de produção cultural da cidade”. Como não poderia deixar de ser, preconceito racial, reintegração de ex-detentos e violência urbana também foram abordadas (LIMA; SÁ BARRETO, 2010). Conforme Lima e Sá Barreto (2010, p.4)



O surgimento desse programa na grade de programação de uma grande televisão aberta nacional é mais um exemplo do desenvolvimento de um fenômeno que sempre existiu, em maior ou menor quantidade, mas se acentuou nos últimos anos em noticiários, novelas e seriados: a televisão colocando em pauta o próprio telespectador, no caso de *Antônia*, especialmente, as comunidades de mulheres negras de periferia. A minissérie mostra um lado novo na representação da mulher negra. Desde o elenco, composto em sua maioria por afro-brasileiras, a localização da história e o elemento cultural que compõe o cenário, tudo é reflexo do espaço da negritude.

Já o *Central da Periferia*, com apresentação de Regina Casé (2006), trouxe a pluralidade cultural e musicalidades de várias comunidades periféricas do Brasil para o cenário nacional. Esse programa de TV também exibiu as dificuldades do cotidiano de uma vida sofrida dos cidadãos periféricos. De acordo com Sarraf e Brito (2010) o programa *Central da Periferia* se diferenciava dos demais programas que tratavam da periferia por mostram que dessa vez quem se encontrava à margem era o centro. Segundo os autores “o programa demonstrou que na periferia não se consome, culturalmente falando, o que os centros culturais produzem, mas que há, sim, o consumo de sua própria cultura, suas próprias criações, que mais tarde acabam sendo incorporadas pelo centro e seus moradores” (SARRAF; BRITO, 2010, p.1). A respeito desse programa Viana (2006, p.1) discursa:

Não tenho dúvida nenhuma: a novidade mais importante da cultura brasileira na última década foi o aparecimento da voz direta da periferia falando alto em todos os lugares do país. A periferia se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava, e que viria de fora, do centro. A periferia não precisa mais de intermediários (aqueles que sempre falavam em seu nome) para estabelecer conexões com o resto do Brasil e com o resto do mundo. Antes, os políticos diziam: "vamos levar cultura para a favela." Agora é diferente: a favela responde: "Qualé, mané! O que não falta aqui é cultura! Olha só o que o mundo tem a aprender com a gente!"

Com um vasto histórico tanto no que se refere à periferia quanto a televisão, pode-se dizer que a atriz consolidada com apresentadora, Regina Casé muito tem haver com essa difusão da cultura produzida na periferia. Seu grande carisma e a temática de seus programas estabeleceram elos com o público que vão além da TV fazendo da Regina muito mais que portavoza da periferia.

### **3. Regina Casé – A Diva do Povão**

Nascida e criada dentro da “caixa mágica” que é a televisão, Regina Casé, filha de um dos grandes mestres do “fazer TV” do Brasil, Geraldo Casé, adquiriu desde



muito cedo habilidades para lidar com o público. Atuou em grupos de teatro e filmes do Cinema Novo, tanto dentro como fora da tela.

A primeira experiência na televisão foi o programa Guerra dos Sexos em 1983, seguida por outros programas humorísticos, como o TV Pirata. Em 1991 estreou o Programa Legal, comandado por ela e Luiz Fernando Guimarães e dirigido por Guel Arraes. O programa idealizado pela própria Regina, em parceria com o antropólogo Hermano Vianna, misturava o gênero documentário à ficção e ao humor.

Em 1995 teve sua primeira experiência como “socióloga da tv”, no comando do Brasil Legal, programa em que viajava o país mostrando a diversidade cultural brasileira. Em geral os lugares visitados eram desconhecidos o que conferia um caráter documental ao programa.

Depois de 3 anos no ar, o Brasil Legal foi substituído pelo Muvuca, também produzido pelo núcleo Guel Arraes. O programa que era uma mistura de talk-show e grandes reportagens, fundia histórias de famosos e anônimos colocando-os em pé de igualdade.

Mais tarde, já firmada como uma apresentadora popular devido a linha de seus programas, Regina passou a dedicar-se a inúmeros programas educativos no Canal Futura. Em 2002 estréia como roteirista no seriado *Cidade dos Homens*. Só em 2006, Regina volta a TV Globo apresentado o Central da Periferia, programa em que a apresentadora percorria as periferias do país revelando curiosidades, moda, hábitos, gírias e músicas que construía a identidade de cada um desses lugares.

Posteriormente o programa transformou-se no quadro Minha Periferia, indo ao ar no Fantástico. O quadro apurou a essência do programa e levou a apresentadora para fora do país, conhecendo as periferias da África.

Sempre perto do “povão”, Regina consolidou-se como a “mãe” da periferia. Seu carisma e sensibilidade para tratar dos assuntos mais simples lhe concederam naturalmente o título que a Rede Globo, sabiamente, aproveitou. Contudo, para a atriz<sup>5</sup>, seu trabalho tem como foco aproximar o “*Brasil que come do que têm fome*”, desconsiderando as amarras estruturas impostas pela hegemonia da emissora a que se vincula.

#### 4. Programa Esquenta

---

<sup>5</sup> Em entrevista a revista Raça Brasil <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/102/artigo28382-2.asp>



No limiar do diferente e do padrão Globo, Regina Casé começa o ano de 2011 frente a um programa digno de seu título. O *Programa Esquenta*, apresentado nas tardes de domingo dos meses de verão, se auto-define como um programa no qual a cultura brasileira é retratada livre de preconceitos e de forma abrangente, um programa que verdadeiramente faz jus a periferia, em que o politicamente incorreto tem vez diante da hipocrisia dominante.

Contudo, de que periferia realmente trata o programa comandado pela Regina? Será que é a mesma periferia que a Globo marginaliza no cotidiano de sua programação, ou a parcela “tipo exportação”? De que tipo de liberdade ele trata?

Obedecendo a certa fórmula, muito usada pela Globo, o *Programa Esquenta*, estrutura-se em um ritmo frenético de cortes, cores e sons. A aparência pretendida é de um recorte clássico e estereotipado das periferias brasileiras; as famosas lajes das favelas cariocas, onde se proliferam o samba, o funk e as belas mulatas. Tudo isso feito de maneira a levar o público a identificar-se com as imagens, e reconhecê-las como autênticas, quando na realidade, o programa é uma tentativa didática de requintar a laje carioca, expondo a cultura brasileira a granel, como se (ou, como é, na verdade) cada grama retratada estivesse muito distante da realidade contundente, da única e verdadeira periferia do Brasil, que sob a ótica da emissora que lhe difunde se restringe apenas ao cenário dos morros do Rio.

Talvez, de maneira mais pragmática, seja correto supor que as pitadas da periferia das outras regiões do país sejam apenas uma maneira de apresentar ao “mundo” a tal diversidade nacional, ou ainda, seja apenas a forma escolhida para legitimar o título de popular que o *Esquenta* tenta instituir, cultivando, desta forma, a aderência das outras regiões, tão caras as estatísticas da emissora.

A partir da repetição das imagens o programa dita o que é da periferia e refuta o que não é. Como diz, Marilena Chauí, no prefácio do livro *Videologias: “Esse conhecimento/reconhecimento instituído pela imagem do Brasil não opera somente no sentido de apagar as diferenças sociais e regionais reais ou reduzi-las a aspectos folclóricos, mas opera no sentido de ocultar o país”*. E é neste sentido que o programa popular, da emissora hegemônica, na tentativa de auto-afirmar-se como tal, institui, mais uma vez, a opressão de discursos, a revitalização do sistema e a pasteurização da periferia.



Ainda que, em certas proporções, discuta temas abertos, recorra a personalidades da política e da cultura nacional, peca por tomar elementos que definem a comunicação popular para deturpá-la. O povo se faz mais presente como observador do que como produtor de seus conteúdos, e tendo em vista que, como afirma Cicilia Peruzzo, a comunicação popular “[...] trata-se de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização, visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política”, podemos subterdeir de que realmente se trata o *Esquentá*.

#### 4.1 Da Forma ao Conteúdo

Quanto à forma em que se reporta, o *Esquentá* mostra-se (ou pelo menos tenta mostrar-se) como um balanço geral da carreira da Regina Casé, uma mistura do Brasil Legal, Muvuca e Central da Periferia que se reproduz diante de uma platéia. Usando o tradicional chamariz dos programas ditos como populares, segue a fórmula milagrosa: artista famoso + polemica + música. Contudo, utiliza-se destes recursos de maneira própria, leve e dinâmica, expressando em sua sucessão de recortes, cores e sons uma curiosa re-significação do que é espetáculo e do que é popular dentro da televisão.

Apesar de não haver quadros definidos o programa apresenta uma cronologia previamente delimitada desde seu início, quando do centro do berrante cenário, surge da pilha de guarda-chuvas coloridos, uma Regina totalmente exagerada, dançando e cantando sob o som da música-tema do programa, composta por grandes nomes da música brasileira.

Arlindo Cruz, que assina a composição do “Samba da Regina” em parceria com Gilberto Gil, dá o tom da triunfal entrada que postula o refrão que, descreve a apresentadora:

“Alô regina!  
É tão gente fina que sabe chegar  
Em qualquer esquina  
Lá na cobertura, na laje ela está  
É quem domina.  
Porque tem a sina de ser popular... alô  
Alôôô rainha”

Emendam-se aí os retalhos desse picote “cultural”, ou seja, os componentes fixos da programação que são; uma escola de samba, um “personagem” político, vários



artistas da música (com maior destaque a modalidade pagode), comediantes, e, quase sempre algum representante de entidades beneficentes.

Depois de devidamente apresentada às atrações, o programa fica por conta da condução corpo-a-corpo, dependendo mais da carismática apresentadora do que qualquer roteiro. Isso é, talvez, o que leva o programa a identificação que pretende causar e em consequência ao sucessivo número de cortes bruscos e de uma narrativa por vezes quebrada.

Na perspectiva (inegável) de retratar a cultura brasileira, o programa se perde e se situa em suas limitações. Feito para um público específico e sem tentativa de amenizar tal fato, o programa reforça em sua construção a proposta de estabelecer a laje carioca como única e legítima periferia brasileira, no mais, as outras manifestações populares e culturais do país são postuladas como resquícios de uma periferia primitiva que sucumbiu diante da dominação da “laje”.

A maioria dos convidados também ajuda a reforçar tal impressão, afinal quase sempre são representantes da maestria carioca, ou quando não, compactuam com a forma estabelecida passando despercebido suas verdadeiras propriedades culturais. Por assim dizer, refletem diante dos olhos do público a descaracterização pela qual, eles quanto agentes sociais passam e pela qual, de maneira sutil, o programa submete quem assiste.

Não há espaço nessa laje para o forró, para o axé, para o tecnomelody, para o sertanejo. O samba domina o *Esquenta* desde a abertura e não há gibão e chinelo de couro, não há *suwingueira* da Bahia, que se mostre presente. Talvez, haja ainda um espaço para o funk e para o hip-hop que também se constroem nos morros cariocas, contudo é isso e só, um recorte da pequena parcela difundido como dominante.

Aquém da determinação cultural imposta, o *Esquenta* também estabelece dois pontos importantes e decisivos a sua defesa. Primeiro, ainda que através da produção de falas autorizadas, dos discursos de personalidades elitistas, debate temas perspicazes para a ordem social burocrática em que o país se fecha. Drogas, sexo, juventude, violência e religião configuram debates que, de certa forma, não se reproduziriam em outras oportunidades. Segundo, apesar de repetir algumas velhas formas, o programa é original em diversos aspectos, como, por exemplo, nas propostas de encontro que proporcionam, unindo sem receios (ou não) artistas de “condutas duvidosas” e autoridades políticas.



#### 4.2 (Des)Encontros do Esquenta.

Como já citado, é nas falas autorizadas, que se legitima o discurso e se constrói a verdade que pretende-se difundir (COIMBRA, 2001, p.47). Utilizando-se bem dessa prática o programa *Esquenta* acerta, quando escolhe os encontros que proporciona.

No programa exibido no dia 13/02/2011, por exemplo, os convidados, de origens e pensamento discrepantes, o músico Marcelo D2 e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso dialogam em comunhão de conceitos à favor da descriminalização das drogas. Como se essa já não fosse uma proposta audaciosa para um programa vespertino, sabiamente, depois de discutido o sério e polêmico assunto, o então ex-presidente entoa junto com o rapper (que popularizou seu trabalho com o grupo Planet HEMP, conhecidos por disseminar músicas que faziam alusão a drogas) a canção do sambista Bezerra da Silva em que o refrão sentenciava o “*vou apertar, mas não vou acender agora*”. Ao mesmo tempo em que o programa se propõe a discutir questões com a parcela tida como intelectual, ele propõe uma visão leve (debochada) da mesma questão.

Quando há a real oportunidade de se construir uma consciência crítica e de pedagogicamente forçar a reflexão o programa envereda por rumos menos autênticos, refugiando-se na concepção de que o povo gosta mesmo daquilo que lhes é caro “pão e circo”, para que aprofundar e fomentar o debate se a periferia gosta mesmo é do samba que tem na laje? Que se perpetuem então os sambas, e de preferência, aqueles que se limitam a “dar fugidinhas”<sup>6</sup> ao invés de serem a voz de uma periferia que quer ver reconhecida suas potencialidades e seus direitos, que não quer ser marginalizada o ano inteiro por um veículo que lhe exalta em programas encomendados para o verão. Uma periferia que não quer ser pasteurizada, que não é uma laje e sim um país inteiro.

#### 5. De que lado você samba?

Sem dúvidas, hoje a televisão é a maior fonte de informação, entretenimento e cultura de grande parte do povo brasileiro. O que repercute na TV é o que é válido, só é reconhecido o que passa na televisão, como afirma Gomes: “*Aqui, mais do que nunca, quem não é visto não é tema de conversas, não pode ser reconhecido, não merece atenção e, particularmente, não é lembrado*” (apud COIMBRA, 2001, p.46)

---

<sup>6</sup> Referência a música do grupo Exaltasamba em que o refrão “*o jeito é dar uma fugidinha com você*” é repetido por inúmeras vezes no programa.



A televisão como formadora de opiniões, ou mais, de identidades, dita uma nova ordem cultural, impondo novos hábitos e tendências sem levar em consideração as características que diferenciam as regiões, comunidades e outros grupos sociais. Apesar das tentativas de se reproduzir nas telas a realidade que se vive nas periferias Brasil a fora, o que se pode observar é a tendenciosa criação de um espaço “híbrido” em que se pontua aquilo que se quer e se omite o que não é do interesse dominante. É uma didática simples, na qual a evidência é aquilo que atrai e entrete o público.

Seja pelo “mal” ou seja pelo “bem”, pouca diferença há entre os programas policiais típicos do meio-dia e os de entretenimento como o *Esquenta*. A periferia é o alvo de ambos, o que muda é, apenas, o “samba” que toca. E a periferia de que lado samba nessas poucas opções que lhe são dadas? Do lado que lhe oprime e marginaliza, ou do lado que lhe concede uma voz picotada, lhe impõe uma conduta e lhe pasteuriza?

Se não há espaço para a periferia, se não há uma representação genuína desse povo na televisão, não é justo que estes se fadem a se reconhecer apenas por uma fresta de luz prostrada no meio da sala. É preciso abrir as portas e conduzir do povo para o povo a programação que se merece. Produzir uma identidade menos tendenciosa e mais legítima, não apenas recortes e evidências tão pequenas de uma produção cultural tão rica.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L.; AZÊDO, R; SILVA, S. A Amazônia sob o olhar da mídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais...**Caxias do Sul, 2010. CD ROM.

BACCEGA, M. Comunicação/Educação: aproximações. In: BUCCI, Eugênio (Org.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

BENTES, I. O contraditório discurso da TV sobre a periferia. **Revista Brasil de Fato**, 2007. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/entrevistas/periferia-como-convem>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

CAMARGO, I.; CERVI, E. Visibilidade política na televisão: uma proposta de acompanhamento das eleições presidenciais 2010 em telejornais brasileiros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais...**Caxias do Sul, 2010. CD ROM.



CHAUI, M. Prefácio. In: BUCCI, E. KEHL, M. R. **Videologias; Ensaios sobre a Televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

COIMBRA, C. **Operação Rio; O Mito das Classes Perigosas**. Niterói, Oficina do Autor/Intertexto, 2001.

HAMBURGER, E. Violência e periferia no cinema brasileiro recente: reflexões sobre a idéia do espetáculo. **Revista Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n.78, jul. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010133002007000200011&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010133002007000200011&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 9 mar 2011.

LEITE, N.; SÁ BARRETO, V. Televisão e dialogias sociais: as comunidades periféricas nas telenovelas *Vidas Opostas da Record* e *Duas Caras da TV Globo*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 12, 2010, Campina Grande. **Anais...**Campina Grande, 2010. CD ROM.

LIMA, M.; SÁ BARRETO, V. Televisão e dialogias: comunidades periféricas de mulheres negras em Antônia. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 12, 2010, Campina Grande. **Anais...**Campina Grande, 2010. CD ROM.

OLIVEIRA, C.; WIZNIEWSKY, L. Identidades estigmatizadas em videologias: a representação da favela e de seus moradores, do telejornalismo à telenovela. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais...**Caxias do Sul, 2010. CD ROM.

ONOFRE, R.; SÁ BARRETO, V. Televisão e dialogias sociais: as comunidades periféricas no *Jornal da Record*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 12, 2010, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande, 2010. CD ROM.

PALLONE, S. Diferenciando subúrbio de periferia. **Revista Notícias do Brasil, ciência, cultura**, São Paulo, v. 57, n.2, apr/jun. 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a05v57n2.pdf>> Acesso em: 7 abr. 2011.

PERUZZO, C. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Brasília, 2006. **Anais...**Brasília, 2006. CD ROM.

RAMOS, J. A construção das identidades pelo telejornalismo local: um estudo da TV *Mais de Novo Hamburgo*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais...**Caxias do Sul, 2010. CD ROM.

SÁ BARRETO, Carmem Virgínia Montenegro. **Comunidades Midiáticas e Culturas: as inter-relações dialógicas na produção dos telejornais da Globo NETV e Jornal do Almoço**.



**PGCOM/UNISINOS.** São Leopoldo/RS, 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Leopoldo/RS, 2006. 320p

SANTOS, M.; TEXEIRA, R; FILHA, E. O jornalismo diário praticado na televisão: as diferenças entre o Jornal Nacional e Repórter Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais...**Caxias do Sul, 2010. CD ROM.

SARRAF, M.; BRITO, R. Música paraense no palco: o percurso do tecnobrega a partir da abordagem do programa Central da Periferia. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, 2010. CD ROM.

SOUZA, G.; SÁ BARRETO, V. Televisão e dialogias sociais: comunidades periféricas no Jornal Nacional. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 12, 2010, Campina Grande. **Anais...**Campina Grande, 2010. CD ROM.

TORRES, H. et al. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. **Revista Estudos Avançados.** v.17, n.47, jan/apr.2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 9 mar.2011.

VIANNA, H. **Central da Periferia [texto de divulgação-2006]**. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/.../central-da-periferia-texto-de-divulgacao>>. Acesso em: 6 mar. 2011

**WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE.** Cidade dos Homens. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_dos\\_Homens](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_dos_Homens)> Acesso em: 3 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Novo Cinema. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Novo\\_Cinema](http://pt.wikipedia.org/wiki/Novo_Cinema)> Acesso em: 7 mar 2011.